

“Em vista das declarações feitas ontem pelo ministro Antônio Delfim Neto, o coronel Raimundo Saraiva Martins telefonou-me dando as seguintes informações:

Que chegou à França, para exercer a função de adido do Exército, em 1974, tendo então adquirido um automóvel Peugeot, a prestação. Durante aquela época, a legislação brasileira permitia a um cidadão brasileiro servindo no Exterior, desde que morasse algum tempo, trazer de volta um automóvel. Tendo em vista essa possibilidade, no início de 1976 assinou um contrato de compra de um auto Mercedes-Benz, dando uma entrada de US\$ 1.500 a uma concessionária que o encomendou. O preço do carro era de US\$ 6.000. Logo a seguir foi baixado decreto presidencial proibindo a importação de qualquer tipo de automóvel, mesmo trazido por brasileiros que estivessem voltando após trabalho no Exterior. Em função da legislação impeditiva, comunicou à concessionária

## O coronel Saraiva explica o caso da compra do Mercedes

E diz por que não trouxe o carro, nesta nota distribuída pelo deputado Eduardo Matarazzo Suplicy.

que queria rescindir o contrato. A indústria na Alemanha pediu então cópia da legislação para avaliar o pedido. Nesse ínterim, o diplomata Souza (cujo nome completo não se recordava), chefe do Serviço de Imprensa da embaixada brasileira em Paris, que havia sido recém-designado para um novo posto no Paraguai, interes-

sou-se pelo carro, pois para lá poderia levá-lo. Por esta razão transferiu o contrato para o diplomata Souza.

Perguntei ainda ao coronel se poderia informar a sua remuneração à época. Disse-me que era por volta de US\$ 4.000, e que, por ocasião de seu retorno, o Exército lhe daria uma ajuda de custo com a qual teria condições de completar o pagamento do automóvel.

Perguntei-lhe se me autorizaria a divulgar esta informação, em vista de que não estava dando declarações à Imprensa. Disse-me que sim.

Finalmente, perguntei-lhe sobre a hipótese colocada por alguns jornalistas de que a sua decisão de agora revelar os fatos estaria relacionada ao processo sucessório. Respondeu-me que as razões de ter decidido depor agora são apenas e exclusivamente as expostas em seu depoimento, nada tendo a ver com a atual situação do quadro político-sucessório.”

“O depoimento ‘secreto’ prestado pelo sr. Raimundo Saraiva a alguns membros escolhidos da CPI da Dívida Externa em Brasília carece de integridade.

A ausência de integridade começa pela forma como foi feito o ‘depoimento’: numa sessão clandestina, com uma gravação secreta, e na presença exclusiva dos deputados da oposição. O objetivo de tanta clandestinidade é evidente: tratava-se de amontoar lama com a qual conspurcar a honra alheia. Num ambiente de tal exclusividade, é extremamente fácil se produzir uma peça de acusação. Não há um advogado de defesa presente, não se tolera a presença sequer dos demais companheiros da CPI, que poderiam participar da inquirição, apontando, no ato, as inconsistências e contradições do ‘depoente’ sob medida. Tal ambiente se mostrou extremamente propício para a montagem de uma farsa do quillate das peças conspurcatorias elaboradas nos tribunais fascistas e nos seus irmãos siameses, os tribunais das nações totalitárias de esquerda.

O depoimento carece de integridade pela própria falta de integridade de seu autor. Chamado a depor oficialmente na mesma CPI, meses atrás, sob juramento, o coronel Raimundo Saraiva se desdisse. Não teve a coragem moral de responder, sob juramento, às perguntas que agora, ‘secretamente’, acolhe e responde. Responde mentindo, contradizendo-se a cada passo, confundindo datas e números, pessoas e circunstâncias, mas sempre amassando lama, porque juntar lama, sempre mais lama, é a forma que encontrou na vida para punir-se das frustrações que dominam a sua personalidade doentia.

A frustração é evidente a cada descuido do coronel Raymundo Saraiva: “Sou um homem pobre, não podia ter apartamentos de luxo nem Mercedes Benz que os auxiliares do embaixador mantinham em Paris” — diz o coronel.

Frustração e mentira. O que o sr. Raymundo Saraiva não pôde fazer foi contrabandear o automóvel Mercedes Benz que comprou na Alemanha e que desejou trazer para o Brasil. Um automóvel Mercedes Benz do ano, novo em folha, que este pobre homem comprou e queria trazer na sua bagagem, con-

## A assessoria de Delfim divulga nova nota. Com ataques a Saraiva.

Na nota que o JT reproduz aqui, os assessores do ministro dizem que o relatório é uma farsa.

trariando decreto do presidente da República, que isto proibia. E foi impedido de fazê-lo, com isso aumentando a sua frustração.

As mentiras de seu depoimento não se evidenciam apenas nesses aspectos triviais. O coronel Raymundo Saraiva não lembra a data em que diz ter estado com o diretor do banco, sr. Jacques de Broissia. Mas consegue lembrar-se, palavra por palavra, do diálogo que diz ter então travado. A data não importa, desde que o diálogo forjado contenha lama suficiente.

O sr. Jacques de Broissia, em documento oficial enviado à CPI pelo presidente do mesmo banco francês, desmente categoricamente ter mantido qualquer diálogo a respeito com o coronel Raymundo Saraiva. “Jamais testemunhou (o sr. de Broissia) pessoalmente qualquer fato que o levasse a acreditar nesses rumores e não sabe como ele em verdade poderia ter sido a origem de uma revelação sobre o assunto.”

O presidente do banco, por sua vez, atesta, por escrito: “O Credit Commercial de France não dispõe de nenhuma informação de qualquer natureza... Minha resposta sobre este particular é inteiramente negativa...”

O sr. Raymundo Saraiva insiste, porém, em ter ouvido uma suja história, da boca de quem nega tê-lo dito. Insiste num “depoimento secreto”, porque, sob juramento, fugiu às perguntas.

Mesmo no “depoimento secreto” não consegue dar consistência a esta sujeira. Troca os números. Em

dado momento diz que ouvir falar numa comissão de seis milhões de dólares. Em outro momento se trai e fala em um bilhão de dólares.

Toda a farsa é montada com base num único testemunho: o do sr. Jacques de Broissia. Não obstante, o sr. de Broissia desmente, textualmente, que tenha dado tal testemunho.

O sr. Saraiva diz ter ouvido no famoso “diálogo” com o sr. de Broissia que “a comissão pedida para a hidrelétrica de Tucuruí foi considerada excessiva... e o negócio foi fechado com outros bancos...” Mentira: um dos bancos financeiros de Tucuruí foi exatamente o banco que o sr. Saraiva diz que o sr. de Broissia disse que “foi afastado do negócio...”

O sr. Saraiva afirma que consegue entender corretamente a língua francesa. Mas, em outro trecho, confunde CSP com “Sureté”. O seu conhecimento da língua francesa deve ser excelente, pois quando encomendou o carro mercedes Benz, do ano, para trazer para o Brasil, confundiu os sistemas de refrigeração e pediu um automóvel com aquecimento.

O coronel Raymundo Saraiva acusa seus dois companheiros de trabalho na embaixada, os adidos naval e da aeronáutica, de covardia, por não terem aceito seu convite para a misteriosa reunião de dois diplomatas com um banqueiro francês. O sr. Saraiva não percebeu que os dois não são imbecis!

O sr. Saraiva retornou ao Brasil com as mesmas frustrações com que chegou a Paris. Não falar bem o francês, não poder trazer o automóvel Mercedes Benz que comprou na Alemanha, não ver reconhecida a credibilidade de que se julgava portador e não granjear o respeito de seus pares. Tornou-se o traficante preferido de alguns conspiradores de direita, a serviço das esquerdas. E o alvo de suas frustrações — como não podia deixar de ser — teria que ser o seu chefe imediato: o então embaixador Antônio Delfim Neto.”